



O PROBLEMA DA GAVETA DOS GUARDADOS

Dalila dos Santos Cerqueira Pinto e Maria Luisa Luz Távora

UFRJ (DOUTORANDA), UFRJ

Partindo da afirmação do artista Iberê Camargo (1914 – 1994) de que, “quando você escreve está pintando e quando você pinta está escrevendo” e das definições e indefinições de livro de artista, podemos refletir e problematizar se o livro de sua autoria, *Gaveta dos Guardados*, de 1998, que não privilegia a relação verbal/visual, pode ser abordado como livro de artista.

O livro em questão é uma peça múltipla, um impresso que começou a ser organizado pelo artista, a partir de seus textos, um pouco antes de sua morte. Estes textos, segundo Augusto Massi que os editou, finda a leitura nos deixa “tomados pela sensação de que terminamos de percorrer as salas labirínticas de uma exposição”.

Anna Teresa Fabris localiza o “primórdio do livro de artista na união entre arte e literatura em William Blake” e seu “ponto de mutação em John Cage, que enfatiza o processo de leitura em detrimento da percepção”. O campo de possibilidades e aproximação de conceitos sobre livro de artista não vai se esgotar nos anos 70. As discussões continuarão pelos 90 em busca de, “uma revisão da bibliografia crítica atual”, segundo Paulo Silveira. Podemos observar uma variedade de casos e tomar como exemplos mais recentes o livro em forma de exposição de arte, *Salas e Abismos*, de Waltércio Caldas, e o de Rosângela Rennó, *Imagens Invisíveis*, em que a artista recupera fotos esquecidas. No conjunto destas reflexões, elementos como serialidade,



XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

tempo, memória, imagem, equivalente plástico versus ilustração descritiva, não sendo discutidos, reconstruídos e revisados.

Iberê foi de uma consciência extremamente lúcida nas questões em que se manifestou. Não só os embates formais estiverem presentes em suas discussões, mas as questões existenciais perpassaram sua obra visual e escrita. Seu discurso crítico se expandiu pelas telas, gravuras, desenhos, textos e memórias. As reflexões e discussões travadas em meio às massas de tinta parecem transbordar no papel, nos contos e escritos, nas lembranças que se misturam no fazer e refazer da sua ação. Em *Gaveta dos guardados* Iberê escreve: “essa decantação da forma em muitas águas, tanto nas palavras como nas linhas, na pintura, é uma depuração, uma síntese que leva ao que eu chamo uma “transfiguração” situada além da aparência”.

E agora? Em que gaveta nos poderíamos guardá-lo?

Iberê Camargo, livro de artista, gaveta dos guardados.